

Sem Destino

Pautas lotadas e atraso em cronogramas de obras preocupam os produtores

Estão faltando espaços culturais oficiais e privados em Brasília. O estado possui quatro casas de espetáculos, duas das quais estão em obras de reforma. E o Teatro Nacional — que tem duas salas que são verdadeiros teatros dentro do Teatro — está com a sua pauta lotada até o final deste ano. Resultado: se o cantor Lírico Luciano Pavarotti, por exemplo, resolver fazer um temporada na cidade, não tem espaço.

“O problema é tão grave, afirma o produtor cultural Fernando Artigas, “que nós estamos tentando trazer a Rita Lee e a Adriana Calcanhoto para temporadas em Brasília, e não encontramos espaços disponíveis.” Já um outro produtor, Marcelo Amaral — que tentou montar um grande circo, onde funcionaria uma casa de espetáculo no estilo do Canecão do Rio de Janeiro — lembra que, em função da ausência de espaços, “não existe temporada artística em Brasília”.

Grande procura — Aos 33 anos de idade, alcançada a sua maioridade política — eleições livres — e institucional — a Lei Orgânica do DF já vigora há muito tempo — Brasília é considerada hoje um dos centros culturais mais importantes do País. “A maioria da população brasiliense, que nasceu aqui ou que veio de outros estados, é uma comunidade cultural muito forte. Prefere cultura ao futebol, por exemplo. Daí, a grande procura do público aos eventos culturais, “diz Artigas.

Ele acrescentou informando que a sua empresa tentou pauta para promover uma temporada — shows com duração de pelo menos uma semana seguida, como ocorre em outras capitais do País e do mundo — para a cantora e compositora Rita Lee — que estaria disponível para se apresentar na cidade no mês de novembro — e não conseguiu. “Recebi um não maior do que o céu de Brasília”, diz ele, com um certo exagero e bom humor.

Para a também cantora e compositora Adriana Calcanhoto, a idéia de Artigas e Amaral, era trazê-la para uma temporada no mês de dezembro. “Não há pauta no Teatro Nacional. Para cantoras como Rita e Adriana, não se pode produzir espetáculos para espaços como o Gran Circo Lar e a Escola Parque, por exemplo. Teria que ser no Teatro Nacional. Mas a resposta mais frequente que se ouve por lá é não, não e não. É um problema”.

Caos cultural — É um verdadeiro “caos cultural”, na opinião dos dois produtores. As segundas-feiras, por exemplo, o Teatro Nacional não apresenta nenhum espetáculo. “O chefe de Gabinete da Secretaria da Cultura, Fernando Adolfo, nos informou que não pode abrir o Teatro Nacional na segunda-feira, porque o Sindicato dos Funcionários da Fundação Cultural e de Clubes, Senalba, não

permite. Não é engraçado?”, indaga Artigas.

Ele e Amaral lembram que “toda cidade-satélite tem um grande estádio de futebol. Mas não tem casas de espetáculos. E o que acontece? Quando se promove um show ou um espetáculo teatral, os ingressos são vendidos com antecedência, a casa fica lotada, há uma grande procura, e os espetáculos ficam apenas um ou dois dias em cartaz. Como isso é possível?”

Espaços oficiais - Artigas tem mais perguntas a fazer. “A Sala Villa-Lobos e a Sala Martins Pena, que são dois espaços culturais oficiais maravilhosos, - funcionam dentro do Teatro Nacional Cláudio Santoro - não podem ser agendadas para quaisquer espetáculos. É preciso um critério mais rigoroso por parte dos administradores do Teatro Nacional, para a ocupação de suas pautas”, assegura Artigas.

Os outros espaços culturais gerenciados pelo estado são a Escola Parque, o Teatro Galpãozinho, o Gran Circo Lar e o Ginásio de Esportes. Na opinião de Fernando Artigas, o Teatro Escola Parque “é subutilizado. O Galpãozinho está em reforma que parece interminável: quando ficará pronto? E o Ginásio de Esportes, também em reforma, é outra incógnita”. Resultado - acrescentou Artigas: o público de Brasília, o público do Distrito Federal, quer consumir cultura, quer assistir aos grandes espetáculos e não consegue. O cantor e compositor Guilherme Arantes, por exemplo, só conseguiu pauta para uma apresentação única, da mesma forma que Geraldo Azevedo e Paulinho Pedra Azul”.

Populares - Artigas diz em que função do Ginásio de Esportes estar desativado, a cidade está privada de ter “grandes espetáculos populares. O povo das cidades-satélites e de Brasília, que não possui automóvel, não tem condições de deslocar-se para a Academia de Tênis, por exemplo, para assistir aos shows populares. Eu não consigo entender como isso ocorre na capital do País, sinceramente”.

Na opinião de Fernando Artigas, o caos cultural e o absurdo, nesta área, “estão institucionalizados. O Estádio Mané Garrincha, por exemplo, tem espaço para mais de 50 mil lugares. Em cada satélite existe um campo de futebol, não uma casa de espetáculos. E em sua maioria, o público do DF não prestigia futebol. Ele gosta mesmo é de cultura e o Governo do Distrito Federal (GDF) tem uma enorme responsabilidade nisso tudo”.

■ José Menezes de Moraes

ZULEIKA DE SOUZA



Artigas pede critério rigoroso para ocupar teatro

Reformas estão em fase final

O chefe de gabinete da Secretaria de Cultura, Fernando Adolfo, rebate as críticas dos produtores culturais Fernando Artigas e Fernando Amaral. Ele reconhece que a procura do público, em espetáculos culturais, por aqui, “é realmente muito grande”. Citou o exemplo do show de Paulinho Pedra Azul, no dia 12 no qual a administração do Teatro Nacional Cláudio Santoro foi obrigado a colocar à venda mais de 50 ingressos extras.

“Eu não aceito, porém”, disse ele, “a crítica que diz, por exemplo, que o Teatro Nacional não cede pautas para espetáculos nas segundas-feiras. Temos aberto o teatro às segundas, quando o espetáculo é importante. Amanhã, por exemplo, os Meninos Cantores de Viena estarão na Sala Villa-Lobos fazendo show. Quanto à pauta lotada, é verdade: até dezembro não podemos fechar mais nenhum contrato,

porque não temos salas disponíveis”.

Gran Circo Lar — Perguntado se estaria de acordo com a construção de uma casa de espetáculos no estilo do Canecão carioca, em Brasília, Fernando Adolfo preferiu mudar de assunto. “Temos o Gran Circo Lar”, lembrou ele, rapidamente. Quanto aos espaços desativados, por causa das reformas, assegurou que brevemente o Ginásio dos Esportes será entregue ao público, após a reforma. “O Ginásio vai voltar. Quem diz o contrário está mentindo”.

Sobre o percentual de 15 por cento que a Fundação Cultural cobra por noite de cada espetáculo apresentado nos espaços do Teatro Nacional, fez uma comparação com os espaços oficiais de outros estados: “Cobramos pouco. Nos estados do Rio de Janeiro, Salvador, Curitiba e São Paulo, por exemplo, esse percentual é de 25 por cento. Quer dizer: dez por cento a mais do que cobramos aqui”, assegurou. Quanto à reforma do Teatro Galpãozinho (na altura da 508 Sul), a Secretaria de Cultura informou que a sua reinauguração será feita agora em setembro.

